

## A investigação do significado

### A investigação linguística

Semântica é o estudo do significado das línguas. Este livro é uma introdução à teoria e à prática da Semântica na Linguística moderna. Apesar de não ser uma introdução a qualquer teoria específica, este livro apoia-se na premissa básica de que a habilidade linguística do ser humano é baseada em um conhecimento específico que o falante tem sobre a língua e a linguagem. É esse conhecimento que o linguista busca investigar.

Ao conhecimento da língua, chamaremos de gramática, entendendo-se por gramática o sistema de regras e/ou princípios que governam o uso dos signos da língua. A Linguística assume que o falante de qualquer língua possui diferentes tipos de conhecimento em sua gramática: o vocabulário adquirido, como pronunciar as palavras, como construir as palavras, como construir as sentenças<sup>1</sup>, e como entender o significado das palavras e das sentenças. Refletindo essa divisão, a descrição linguística tem diferentes níveis de análise: o estudo do léxico, que investiga o conjunto de palavras de uma língua e sua possível sistematização; o estudo da Fonologia, que focaliza os sons de uma língua e de como esses sons se combinam para formar as palavras; o estudo da morfologia, que investiga o processo de construções das palavras; o estudo da sintaxe, que investiga como as palavras podem ser combinadas em sentenças; e o estudo da semântica, que focaliza o significado das palavras e das sentenças.

Ao conhecimento da linguagem, associaremos o uso da língua, ou seja, o emprego da gramática dessa língua nas diferentes situações de fala. A área da Linguística que descreve a linguagem denomina-se Pragmática. A Pragmática estuda a maneira pela qual a gramática, como um todo, pode ser usada em situações comunicativas concretas. Neste livro, veremos noções que ora estão no campo da língua, ora no campo da linguagem; tentarei, na medida do possível, situá-las em seus domínios de conhecimento.

## Semântica e Pragmática

Localizemos, primeiramente, o nosso principal objeto de estudo: a semântica. O estudo da semântica, repetindo, é o ramo da Linguística voltado para a investigação do significado das sentenças. Como assumimos que o linguista busca descrever o conhecimento linguístico que o falante tem de sua língua, assumimos também, mais especificamente, que o semanticista busca descrever o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua. Por exemplo, esse conhecimento permite que um falante de português saiba que as duas sentenças a seguir descrevem a mesma situação:

- (1) a. O João acredita, até hoje, que a terra é quadrada.  
b. O João ainda pensa, atualmente, que a terra é quadrada.

Esse mesmo conhecimento também permite que um falante de português saiba que as duas sentenças adiante não podem se referir à mesma situação no mundo, ou seja, são sentenças que se referem a situações contraditórias:

- (2) a. O João é um engenheiro mecânico.  
b. O João não é um engenheiro mecânico.

Ainda, o conhecimento semântico que o falante do português do Brasil tem o leva a atribuir duas interpretações para a seguinte sentença:

- (3) A gatinha da minha vizinha anda doente.

Portanto, são fenômenos dessa natureza que serão o alvo de uma investigação semântica. Existe um consenso entre os semanticistas de que fatos como esses são relevantes para qualquer teoria que se proponha a investigar a semântica. Entretanto, antes de seguirmos com o nosso estudo sobre os fenômenos semânticos, é importante salientar que a investigação linguística do significado ainda interage com o estudo de outros processos cognitivos, além dos processos especificamente linguísticos. Parece bem provável que certos aspectos do significado se encontrem fora do estudo de uma teoria semântica. Veja (4):

- (4) a. Você quer um milhão de dólares sem fazer nada?  
b. Não!!! (responde o interlocutor, com uma entonação e uma expressão facial que significam: claro que quero!)

Evidentemente não é o sistema linguístico que permite a interpretação da sentença em (4b): o item lexical *não* levaria a uma interpretação oposta à que todos

nós provavelmente entendemos. O que faz, então, o falante de (4a) entender o falante de (4b)? São fatores extralinguísticos, como a entonação que o falante de (4b) usa, a sua expressão facial e, às vezes, até seus gestos; já entramos, então, no campo da prosódia, da expressão corporal etc. Portanto, fica claro que nem sempre o sistema semântico é o único responsável pelo significado; ao contrário, em várias situações, o sistema semântico tem o seu significado alterado por outros sistemas cognitivos para uma compreensão final do significado. Por exemplo, vem sendo explorado por alguns estudiosos que alguns aspectos do significado são explicados em termos das intenções dos falantes, ou seja, dentro do domínio de teorias pragmáticas. Tais teorias podem ajudar a explicar como as pessoas fazem para significar mais do que está simplesmente dito, através da investigação das ações intencionais dos falantes. Repare na sentença:

- (5) A porta está aberta.

O que significa essa sentença? Que existe uma determinada situação em que um objeto denominado *porta* se encontra em um estado de não fechado (seja não trancado ou apenas afetado em seu deslocamento). Agora imaginemos o seguinte: um professor está dando aula e algum estudante para na frente da sala e fica olhando para dentro; o professor dirige-se a ele, com uma atitude amigável, e profere a sentença em (5). Certamente, nessa situação, a sentença (5) não será entendida como o estado de a porta estar aberta ou não, mas, sim, como um convite para que o estudante entre. Vejamos ainda essa mesma sentença em outra situação: um estudante muito agitado está atrapalhando a aula; o professor diz a mesma sentença, só que agora sua intenção é repreender esse aluno. A sentença (5) será entendida como uma ordem para que o estudante saia. Portanto, nos exemplos dados, vemos que o significado vai além do sentido do que é dito. Como entendemos esse significado? Esse conhecimento tem relação com a nossa experiência sobre comportamentos em salas de aula, intenções, boas maneiras, isto é, com o nosso conhecimento sobre o mundo.

Entender o que o professor falou em cada contexto específico parece envolver dois tipos de conhecimento. Por um lado, devemos entender o que o professor falou explicitamente, o que a sentença em português *A porta está aberta* significa; a esse tipo de conhecimento, chamamos de semântica. A semântica pode ser pensada como a explicação de aspectos da interpretação que dependem exclusivamente do sistema da língua, e não de como as pessoas a colocam em uso; em outros termos, podemos dizer que a semântica lida com a interpretação das expressões linguísticas, com o que permanece constante quando certa expressão é proferida. Por outro lado, não conseguiríamos entender o que o professor falou, se não entendêssemos também qual era a intenção dele ao falar aquela expressão para determinada pessoa em determinado contexto; a esse tipo de conhecimento, chamamos de pragmática. O estudo da

pragmática tem relação com os usos situados da língua e com certos tipos de efeitos intencionais. Entretanto, o leitor verá, ao longo do livro, que nem sempre é tão clara essa divisão e que nem sempre conseguimos precisar o que está no terreno da semântica e o que está no terreno da pragmática.<sup>2</sup>

## Uso, menção, língua-objeto e metalinguagem

A diferença entre uso e menção de uma sentença também ajudará a compreender as noções de semântica e pragmática. Para entendermos essa diferença, primeiramente vejamos o que quer dizer a palavra *significado*. Certamente, o *significado* em teorias semânticas não é tão abrangente quanto o uso que se faz na linguagem cotidiana. Observe as sentenças a seguir:

- (6) a. Qual o significado de ser um homem?  
b. Qual o significado de 'ser um homem'?

Qual das sentenças trata a palavra *significar* do ponto de vista semântico? Certamente, a sentença (b) é a adequada. A outra diz respeito a questões metafísicas. É fácil justificar essa resposta. A semântica preocupa-se com o significado de sentenças e de palavras como objetos isolados e, portanto, a resposta a (6b) estaria ligada somente à relação entre as palavras da expressão destacada *ser um homem*. Poderíamos responder, por exemplo, dizendo que “*ser um homem* quer dizer ser humano, do sexo masculino, de uma determinada idade adulta”. Perceba que a resposta do significado para *ser um homem*, em (6b), não vai variar de conteúdo de acordo com quem a responde ou de acordo com o contexto. Qualquer falante do português aceitaria a resposta dada anteriormente como sendo boa. Já a questão em (6a) terá uma resposta que vai variar com o contexto: se a pergunta for feita a um filósofo, teremos uma resposta; se for feita a um homem do campo, certamente será outra. Por exemplo, para um filósofo, ser um homem pode implicar questões de ordem existencial etc.; para um homem do campo, pode significar simplesmente questões de ordem prática, como aquele que sustenta a casa etc. Chamaremos, pois, a expressão destacada *ser um homem* da sentença (6b) de menção, e a expressão *ser um homem* da sentença (6a) de uso.<sup>3</sup> Fica claro, pois, que o objeto de estudo da Semântica é a menção das sentenças e das palavras, isoladas de seu contexto; e o objeto de estudo da Pragmática é o uso das palavras e das sentenças, inseridas em determinado contexto.

Separar as noções de menção e de uso também facilita perceber a distinção entre língua-objeto e metalinguagem. É muito difícil o trabalho do linguista, que tem que usar a língua para descrever seu objeto de estudo – a própria língua. Veja que a Física pode se valer da Matemática para explicitar certos fenômenos físicos. Portanto, o objeto

de estudo da Física é o fenômeno físico, e a metalinguagem para descrevê-la pode ser a Matemática. Já, por exemplo, o linguista brasileiro usa a própria língua, ou seja, o português brasileiro para descrever os fenômenos linguísticos observados. Porém, se fizermos a distinção entre uso e menção, poderemos estabelecer que o objeto de estudo do linguista é a menção da língua, e a metalinguagem usada é a língua em uso. Como tal distinção nem sempre é tão nítida, pois estamos estudando a língua usando a própria língua para descrevê-la, existem teorias que preferem utilizar algum tipo de formalismo como metalinguagem. Exemplos disso seriam a linguagem da lógica de predicados, usada em teorias de Semântica Formal, ou a linguagem por estruturas arbóreas, usada nas teorias sintáticas de cunho gerativista. A adoção de uma metalinguagem diferente da própria língua elimina prováveis distúrbios na análise linguística.

## Objeto de estudo da Semântica

Como já realcei antes, os semanticistas estão de acordo quanto a algumas propriedades preliminares da língua que uma teoria semântica deve explicar. Além dessas propriedades, existem também algumas propriedades pragmáticas que sempre são consideradas relevantes, mesmo dentro de um estudo semântico. Isso se deve ao fato de que a semântica não pode ser estudada somente como a interpretação de um sistema abstrato, mas também tem que ser estudada como um sistema que interage com outros sistemas no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos. Tentarei explorar, neste manual, a maior parte dos fenômenos básicos dessa tarefa semântica. Entretanto, terei que optar por recortes, pois, em um só livro, seria impossível tratar de tantas questões. Vejamos, pois, os assuntos específicos a serem aqui estudados: a composicionalidade e a expressividade das línguas, as propriedades semânticas e as noções de referência e representação.

## Composicionalidade e expressividade das línguas

Todas as línguas dependem de palavras e de sentenças dotadas de significado: cada palavra e cada sentença estão convencionalmente associadas a, pelo menos, um significado. Desse modo, uma teoria semântica deve, em relação a qualquer língua, ser capaz de atribuir a cada palavra e a cada sentença o significado (ou significados) que lhe(s) é (são) associado(s) nessa língua. No caso das palavras, isso significa essencialmente escrever um dicionário. No caso das sentenças, o problema é outro. Em todas as línguas, as palavras podem ser organizadas de modo a formar sentenças, e o significado dessas sentenças depende do significado das palavras nelas contidas. Entretanto, não se trata de um simples processo de acumulação: *gatos perseguem cães e*

*cães perseguem gatos* não significam a mesma coisa, embora as palavras das duas sentenças sejam as mesmas. Portanto, uma teoria semântica deve não só apreender a natureza exata da relação entre o significado de palavras e o significado de sentenças, mas deve ser capaz de enunciar de que modo essa relação depende da ordem das palavras ou de outros aspectos da estrutura gramatical da sentença. Observe que as infinitas expressões sintáticas, altamente complexas ou não, têm associadas a elas significados que nós não temos nenhum problema para entender, mesmo se nunca tivermos ouvido a expressão anteriormente. Por exemplo:

(7) O macaco roxo tomava um sorvete no McDonald's.

Provavelmente, você nunca ouviu essa sentença antes, mas, ainda assim, você pode facilmente entender seu conteúdo. Como isso é possível? A experiência de se entender frases nunca escutadas antes parece muito com a experiência de se somar números que você nunca somou antes:

(8)  $155 + 26 = 181$

Chegamos ao resultado em (8) porque nós conhecemos alguma coisa dos números e sabemos o algoritmo da adição (as etapas seguidas para adicioná-los). Tentemos explicitar o procedimento que nos fez chegar ao resultado em (8):

- (9) a. coloque os números na vertical, conservando unidades debaixo de unidades, dezenas debaixo de dezenas, centenas debaixo de centenas;  
 b. some as unidades;  
 c. transporte para a casa da dezena o que ultrapassar 9;  
 d. repita a operação para as dezenas e as centenas.

Provavelmente, por um processo semelhante, entendemos a sentença em (7): sabemos o que cada palavra significa e conhecemos o algoritmo que, de algum jeito, as combina e faz chegar a um resultado final, que é o significado da sentença. Portanto, parte da tarefa de uma teoria semântica deve ser falar alguma coisa sobre o significado das palavras e falar alguma coisa sobre os algoritmos que combinam esses significados para se chegar a um significado da sentença. Lidaremos, pois, dentro do estudo semântico, com a palavra como a menor unidade dessa composição, e as frases e sentenças como a maior unidade de análise. Em todos os capítulos deste livro, as questões abordadas envolvem, de alguma forma, esse processo de construção do significado.

## Propriedades semânticas (e pragmáticas)

Os falantes nativos de uma língua têm algumas intuições sobre as propriedades de sentenças e de palavras e as maneiras como essas sentenças e palavras se relacionam. Por exemplo, se um falante sabe o significado de uma determinada sentença, intuitivamente, sabe deduzir várias outras sentenças verdadeiras a partir da primeira. Essas intuições parecem refletir o conhecimento semântico que o falante tem. Esse comportamento linguístico é mais uma prova de que seu conhecimento sobre o significado não é uma lista de sentenças, mas um sistema complexo. Ou seja, o falante de uma língua, mesmo sem ter consciência, tem um conhecimento sistemático da língua que lhe permite fazer operações de natureza bastante complexa. Portanto, outra tarefa da Semântica deve ser caracterizar e explicar essas relações sistemáticas entre palavras e entre sentenças de uma língua que o falante é capaz de fazer. Veremos essas relações detalhadamente mais à frente. Porém, como uma ilustração, mostrarei abaixo quais são essas propriedades:

a) As relações de implicação como hiponímia, acarretamento, pressuposição e implicatura conversacional:

- (10) a. João comprou um carro.  
 b. João comprou alguma coisa.  
 (11) a. João parou de fumar.  
 b. João fumava.  
 (12) a. Puxa! Está frio aqui.  
 b. Você quer que eu feche a janela?

Das sentenças anteriores, pode-se dizer que qualquer falante deduz, a partir da verdade da sentença (10a), a verdade da sentença (10b); diz-se, pois, que (10a) acarreta (10b). Também se pode inferir que o sentido da expressão *alguma coisa* está contido no sentido da palavra *carro*; diz-se, então, que *carro* é hipônimo da expressão *alguma coisa*. Em relação ao exemplo (11), percebe-se que, para se afirmar a sentença (a), tem-se que tomar (b) como verdade; tem-se, então, que (11a) pressupõe (11b). De (12), pode-se dizer que a sentença (a) sugere uma possível interpretação como a de (b). Estudaremos essas relações de implicação nos capítulos "Implicações" e "Atos de fala e implicaturas conversacionais", que são propriedades que estão no âmbito da Semântica e também da Pragmática.

b) As relações de paráfrase e de sinonímia:

- (13) a. O menino chegou.  
 b. O garoto chegou.

Nesse par de sentenças, podemos perceber que a palavra *menino* pode ser trocada por *garoto* sem que haja nenhuma interferência do conteúdo informacional da sentença; temos, então, uma relação de sinonímia entre essas palavras. Também as sentenças anteriores passam a mesma informação, ou seja, se a sentença (a) é verdadeira, a sentença (b) também é verdadeira; e se (b) é verdadeira, (a) também o é. Diz-se, então, que (13a) é paráfrase de (13b). Essas relações serão vistas no capítulo “Outras propriedades semânticas”.

c) As relações de contradição e de antonímia:

- (14) a. João está feliz.  
b. João está triste.

Em (14), qualquer falante tem a intuição de que as duas sentenças não podem ocorrer ao mesmo tempo e, por isso, diz-se que são sentenças contraditórias. O que leva as sentenças a serem contraditórias são as palavras *feliz* e *triste*, que têm sentidos opostos e são, assim, chamadas de antônimos. Também essas noções serão investigadas no capítulo “Outras propriedades semânticas”.

d) As relações de anomalia e de adequação:

- (15) Ideias verdes incolores dormem furiosamente.

Uso, aqui, o clássico exemplo de Chomsky (1957) para ilustrar o que conhecemos como anomalia: uma sentença com um significado totalmente incoerente. Uma característica das expressões anômalas é a sua inadequação para o uso na maioria dos contextos. As pessoas parecem ser capazes de julgar se determinadas expressões são adequadas ou não para serem proferidas em contextos particulares, ou seja, são capazes de estabelecer as condições de adequação ao contexto, ou, como também são conhecidas, as condições de felicidade de um proferimento. Estudaremos mais detalhadamente essas propriedades nos capítulos “Outras propriedades semânticas” e “Atos de fala e implicaturas conversacionais”.

e) As relações de ambiguidade e de vagueza:

Uma teoria semântica também pretende explicar as diversas ambiguidades que existem na língua, ou seja, a ocorrência de sentenças que têm dois ou mais significados:

- (16) a. O João pulou de cima do banco.  
b. O motorista trombou no caminhão com um Fiat.

Diferentes questões estão implicadas nas ambiguidades das sentenças em português. Em (16a), por exemplo, o item lexical *banco* gera duas interpretações possíveis para a sentença: *O João pulou do alto de um banco, assento* ou *O João pulou do alto de um banco, prédio*. Em (16b), é a organização estrutural da sentença que gera a ambiguidade: *O motorista com um Fiat trombou no caminhão*, ou *O motorista trombou no caminhão que estava com um Fiat em cima*. Não só o léxico e/ou a sintaxe geram as ambiguidades das línguas, mas também é comum observar questões de escopo, de papéis temáticos, de dêixis, de anáfora, entre outras questões, como geradoras desse fenômeno. Veremos isso detalhadamente no capítulo “Ambiguidade e vagueza”.

f) Os papéis temáticos:

Seguindo a posição de alguns linguistas, como Gruber (1965), Jackendoff (1983, 1990) e outros, incluirei, neste livro, esse tipo de relação que atualmente é mais conhecida na literatura como papéis temáticos (essa noção também é chamada de papéis participantes, casos semânticos profundos, papéis semânticos ou relações temáticas):

- (17) a. O João matou *seu colega*.  
b. A Maria preocupa *sua mãe*.  
c. *A Maria* recebeu um prêmio.  
d. O João jogou *a bola*.

Todas essas sentenças têm uma estrutura semântica comum, um paralelismo semântico. Existe uma ideia recorrente de mudança, de afetação: *o colega* mudou de estado de vida, *a mãe* mudou de estado psicológico, *a Maria* teve uma mudança em suas posses e *a bola* teve uma mudança de lugar. Essas relações similares que se estabelecem entre os itens lexicais, mais geralmente entre os verbos das línguas, são conhecidas como papéis temáticos. Nos exemplos anteriores, podemos dizer que o elemento em itálico tem o papel temático de paciente, e definimos paciente como o elemento cuja situação mudou com o efeito do processo expresso pela sentença. Como veremos, paciente é apenas um dos papéis temáticos possíveis; há vários outros que serão estudados no capítulo “Papéis temáticos”.

g) Os protótipos e as metáforas:

A noção de protótipos surge com Rosch (1973, 1975), que assume a incapacidade de conceituarmos os objetos do mundo (mesmo abstratos) de uma maneira discreta, isto é, que cada objeto pertença a uma única categoria específica. Linguistas que trabalham com a ideia de protótipos assumem que não sabemos

diferenciar, por exemplo, quando uma xícara passa a ser uma tigela: será xícara quando seu diâmetro for 5 cm, 7 cm, 10 cm... Mas e 15 cm? Já será uma tigela? Ou ainda será uma xícara, mas com características de tigela? Ou será uma tigela com características de xícara? Portanto, existem certos objetos que estão no limiar da divisão de duas ou mais categorias; outros são mais prototípicos, ou seja, possuem um maior número de traços de uma determinada categoria. A proposta da teoria dos protótipos é conceber os conceitos como estruturados de forma gradual, existindo um membro típico ou central das categorias e outros menos típicos ou mais periféricos. Veremos a noção dos protótipos no capítulo “Protótipos e metáforas”.

Outro ponto a ser investigado neste manual é a metáfora. As metáforas são entendidas, geralmente, como uma comparação que envolve identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro. Como ilustra o exemplo em (18):

(18) Este problema está sem solução: não consigo achar o fio da meada.

Transpõe-se o conceito da meada de lã, que só se consegue desenrolar quando se tem a ponta do fio, para o conceito de um problema complicado. A metáfora tem sido vista, tradicionalmente, como a forma mais importante de linguagem figurativa e atinge o seu maior uso na linguagem literária e poética. Entretanto, é fácil encontrar, em textos jornalísticos, publicitários e mesmo na nossa linguagem do dia a dia, exemplos em que se emprega a metáfora. Os cognitivistas afirmam que a metáfora faz parte da linguagem ordinária e é vista como sendo uma maneira relevante de se pensar e falar sobre o mundo. Também a noção de metáfora será vista no capítulo “Protótipos e metáforas”.

h) Os atos de fala:

Apesar de o papel central do uso da língua ser a descrição de estados de fatos, sabemos, também, que a linguagem tem outras funções, como ordenar, perguntar, sugerir, o que vai além de uma simples descrição; na realidade, a linguagem é a própria ação em situações como essas. No capítulo “Atos de fala e implicaturas conversacionais”, veremos esses tipos de atos de fala existentes na linguagem, tais como ato locutivo, ilocutivo e perlocutivo; ainda veremos verbos performativos, que são verbos que já trazem implícita uma ação. Como exemplos de verbos performativos, temos:

- (19) a. Eu te ordeno sair imediatamente.  
b. Aviso-te que será a última vez.

## Referência e representação

Um terceiro ponto a ser estudado por uma teoria semântica diz respeito à natureza do significado. Existe uma divisão sobre essa questão: para alguns linguistas, o significado é associado a uma noção de referência, ou seja, da ligação entre as expressões linguísticas e o mundo; para outros, o significado está associado a uma representação mental.

As teorias que tratam do significado sob o ponto de vista da referência são chamadas de Semântica Formal, ou Semântica Lógica, ou Semântica Referencial, ou ainda Semântica de Valor de Verdade. Os fenômenos semânticos que serão tratados dentro dessa perspectiva teórica estão nos capítulos “Implicações”, “Outras propriedades semânticas”, “Ambiguidade e vagueza” e “Referência e sentido”. Portanto, um ponto relevante a ser investigado por uma teoria linguística é a relação entre a língua e o mundo: o significado externo da língua, segundo Barwise e Perry (1983). Por exemplo, certas palavras fazem referência a determinados objetos, e aprender o que significam essas palavras é conhecer a referência delas no mundo:

(20) *Noam Chomsky* refere-se a um famoso linguista.

Só podemos usar a sentença (20) de uma forma adequada se estamos nos referindo ao mesmo linguista a que todas as pessoas se referem quando usam o nome *Noam Chomsky*. Referência não é uma relação como implicação ou contradição, que se dá entre expressões linguísticas. Ao contrário, é uma relação entre expressões e objetos extralinguísticos.

As teorias que tratam do significado do ponto de vista representacional, ou seja, que consideram o significado uma representação mental, sem relação com a referência no mundo, são conhecidas como teorias mentalistas, ou representacionais, ou ainda cognitivas. Estudaremos alguns fenômenos semânticos sob a ótica da abordagem mentalista nos capítulos “Papéis temáticos” e “Protótipos e metáforas”. O estudo da representação envolve a ligação entre linguagem e construtos mentais que, de alguma maneira, representam ou codificam o conhecimento semântico do falante. A ideia geral é que temos maneiras de representar mentalmente o que é significado por nós e pelos outros, quando falamos. O foco da questão está em entender o que os ouvintes podem inferir sobre os estados e os processos cognitivos, as representações mentais dos falantes. As pessoas se entendem porque são capazes de reconstruir as representações mentais nas quais os outros se baseiam para falar. O sucesso da comunicação depende apenas de partilhar representações, e não de fazer a mesma ligação entre as situações do mundo. Parece ser verdade a afirmação de que se a nossa fala sobre o mundo funciona tão bem é por causa das similaridades fundamentais das nossas representações mentais.

Ainda temos alguns outros linguistas que concebem a possibilidade de essas duas abordagens serem complementares.

## Exercícios

- I. Exemplifique linguisticamente e explique os dois tipos de conhecimento que estão envolvidos no significado do que é dito.
- II. Faça uma relação entre seus exemplos e as noções de menção, uso, língua-objeto e metalinguagem.
- III. Explique as propriedades básicas da linguagem que teorias semânticas devem abordar.

## Indicações bibliográficas

Em português: Chierchia (2003, cap. 1) e Pires de Oliveira (2001, cap. 1).

Em inglês: Saeed (1997, cap. 1), Chierchia e McConnell-Ginet (1990, cap. 1), Larson e Segal (1995, cap. 1), Hurford e Heasley (1983, cap. 1), Cann (1993, cap. 1), Lyons (1977, cap. 1) e Kempson (1977, cap. 1).

## Notas

- <sup>1</sup> “Sentença (S) pode ser definida, sintaticamente, pela presença de um verbo principal conjugado e, semanticamente, pela expressão de um pensamento completo” (Pires de Oliveira, 2001: 99).
- <sup>2</sup> Existem algumas correntes teóricas que não acreditam em tal divisão, ou fazem essa divisão de uma maneira distinta (Lakoff, 1987; Langacker, 1987). Veja discussão mais detalhada em Levinson (1983) e Mey (1993).
- <sup>3</sup> Quando a expressão aparece entre aspas simples ou em *italico* (geralmente dentro do texto), isso significa que é a menção da expressão que está sendo utilizada. A utilização de aspas duplas indica o proferimento da sentença, ou seja, a ação realizada, o uso da sentença.